

Apresentação do tradutor

O tradutor dedica a presente obra ao Professor Marcos A. González, extraordinário docente que, naqueles saudosos e esforçados anos de Compostela, lhe ensinou Zoologia e lhe encareceu o estudo da língua alemá.

Com a presente versom galega da obra *Organismische Rekorde*, de Klaus Richarz e Bruno P. Kremer, o tradutor salda umha dívida que contraíra desde que começou a dedicar-se à tradução de textos científicos, tanto na qualidade de investigador e docente, como na de praticante. Com efeito, tendo este tradutor vertido para galego-português já dous livros didáticos do campo da Biologia e dous artigos de divulgação científica ¹, na sua atividade tradutiva ainda permanecia sem atender um importante género textual da socialização do conhecimento científico –o livro de divulgação–, que, com estes *Recordes dos Seres Vivos*, fica agora bem servido. Nom será preciso espriar-se neste lugar sobre a fundamental significação que, para umha comunidade sociocultural como a galega, e para umha língua (socialmente minorizada) como o galego-português da Galiza, detém hoje a redação, tradução e publicação de livros de divulgação técnico-científica. Tenha-se, em conta, além disso, que, se já os livros de divulgação científica originalmente compostos em galego som ainda muito raros, o número de livros divulgadores do campo técnico-científico traduzidos em galego continua a ser verdadeiramente ridí-

1 Porque talvez se revele de interesse para os leitores deste livro, refiro a seguir esses textos científicos que já traduzira para galego-português: os dous artigos divulgadores som «A influência de Darwin no pensamento moderno», de Ernst Mayr (Agália, 61 [2000]: 95–103), e «Cinco cousas que sabemos serem verdadeiras. Um compêndio de factos irrefutáveis para esta nossa época tam destituída de certezas», de Michael Shermer, Harriet Hall, Ray Pierrehumbert, Paul Offit e Seth Shostak (Kallaikia, 2 [2017]: 113–125); os dous livros didáticos som Manual de Evolução e Sistemática, de Walter Sudhaus e Klaus Rehfeld (Laiovento, 2002), e Biologia Evolutiva, de Ulrich Kutschera (Fundação Calouste Gulbenkian, 2013).

culo (e, provavelmente, nom superior à meia dúzia)², o que patenteia o escasso avanço sociolingüístico (real) experimentado polo galego nos últimos tempos e o tacanho compromisso do poder político com a (sincera) promoção da língua autóctone da Galiza.

Daí, por conseguinte, a grande relevância sociolingüística que umha tradução como esta poderia apresentar, tradução que, se nom estivéssemos já desiludidos (desesperançados ainda nom estamos!) pola dura realidade

das atitudes e dos factos, tamém poderíamos dizer que modestamente vem preencher umha lacuna e que, sobretudo, aspira a servir de modelo e estímulo para ulteriores empreendimentos nesta área. De resto, a presente obra *Recordes dos Seres Vivos* envolve, para qualquer comunidade sociocultural, um considerável interesse intrínseco polo seu escopo, que consiste em refletir, de forma amena e atraente, na linha do chamado *infoténimento* (= *informaçom* [rigorosa] + *entretenimento* [formativo]), e reparando num conjunto de *valores extremos* («recordes») dos organismos, dous princípios basilares do fenómeno vital: em primeiro lugar, como os seres vivos, graças à variaçom intraespecífica e à subsequente seleçom natural, apresentam umha assombrosa capacidade de *adaptaçom* ao meio, e, em segundo lugar, como, na esteira da interaçom entre adaptaçom (divergente) e contingência –o acaso e a necessidade–, surge no mundo vivo umha estonteante multiplicidade, umha exuberante e fascinante *biodiversidade*. Estes dous princípios, é claro, constituem o cerne do processo natural designado por *evoluçom*, o qual, como lapidarmen-

2 Entre esse reduzidíssimo elenco de livros de divulgaçom científica até agora traduzidos para galego, vale a pena destacarmos aqui, pola qualidade lingüística com que a traduçom foi executada, A Doutrina do ADN. A Biología como Ideología, de Richard Charles Lewontin (Laiovento, 2000), e A Quimera do Xenoma Humano, tamém de R. C. Lewontin (Laiovento, 2002). Em ambos os casos, os tradutores galegos (do inglês) fôrom Fernando Vasques Corredoira e Salvador Mourelo Peres.

te formulou Theodosius Dobzhansky, a todo dá sentido em Biología.

Antes de findarmos estas linhas, será conveniente declarar que o modelo de língua que inspira a nossa traduçom corresponde a um galego «nom secessionista», portanto nom subordinado ao castelhano e naturalmente coordenado, de um ponto de vista ortográfico, morfossintático e lexical, com as suas variedades geográficas lusitano e brasileiro, no seio das quais a língua se manifesta com vigor no ensino e divulgaçom da ciência. Por conseguinte, polo que di respeito aos usos léxico-semánticos, tomamos aqui como referência a língua culta e especializada utilizada no âmbito luso-brasileiro, peneirada e complementada por contributos codificadores da Galiza como *O Modelo Lexical Galego*, da Comissom Lingüística da aeg/agal (2012), e o *Manual de Galego Científico*, de Garrido e Riera (2011)³. Nesse sentido, ensaiamos na presente traduçom o expediente de assinalarmos em nota de rodapé todos aqueles

casos significativos em que umha palavra surgida na nossa versom galega nom coincide com a respetiva soluçom utilizada habitualmente em Portugal (e, secundariamente, no Brasil). Com esta estratégia pretendemos, por um lado, facilitar a receçom textual a um público português (e lusófono extragalego, em geral) e, por outro, patentearmos ao público leitor da Galiza como um galego genuíno, plenamente regenerado, se encontra extremamente próximo do lusitano e do brasileiro, e como com estes aquele pode e deve interagir num «diálogo» solidário, igualitário e enriquecedor. No entanto, é claro que nom podemos perder o contacto

*3 Num plano técnico, diga-se que, nesta tradução, e com o objetivo de resolvermos um problema terminológico que origina na bibliografia especializada lusobrasileira vacilaçoms e incoerências, optamos por grafar sempre com maiúscula inicial aqueles nomes próprios incorporados (mediante hífen) à denominaçom vernácula galego-portuguesa de grupos de organismos, como se vê, por exemplo, em víbora-de-Seoane (*Vipera seoanei*; nom víbora-de-seoane) ou em tigre-de-Bengala (*Panthera tigris tigris*; nom tigre-de-bengala).*

com a triste realidade cultural da Galiza atual (largamente desgaleguizada, castelhanizada), e nom se nos oculta que, por culpa do muito deficiente *corpus* e do assaz insuficiente *status* que o poder político tem reservado ao galego, muitos dos potenciais leitores deste livro nele estranharám palavras e locuçoms legitimamente galegas, e que, para as assimilarem, eles precisarám de realizar um pequeno esforço, que, em qualquer caso, sempre se revelará gratificante⁴. Satisfeitos, em conseqüência, por podermos dar aqui um pequeno contributo para a promoçom do galego e para o enriquecimento cultural dos galegos, e tamém por podermos levar novamente à prática aquilo que já expugemos na monografia *A Tradução do Ensino e Divulgação da Ciência* (2016), resta-nos agradecer o bom acolhimento dispensado a este projeto pola editora Laiovento e polos seu responsáveis, Sres. Afonso Ribas e Pepe Carreiro, bem como desejar ao público umha amena e instrutiva leitura.

Carlos Garrido, em Vigo (Galiza), abril de 2018